

Internacional

GRUPO DOS 24

14 ABR 1988

Mailson pede taxas de risco e comissões de banco ainda menores

por Paulo Sotero
de Washington

Dois anos atrás, quando o governo brasileiro desencadeou a manobra diplomática que o levaria, neste ano, à presidência do Grupo dos 24, a estratégia traçada pelo então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, com forte apoio do Itamaraty, era clara: tratava-se de assumir uma posição de liderança num importante fórum internacional, no caso, o grupo que representa os interesses das nações pobres nas discussões sobre a economia mundial, e, a partir dela, amplificar a campanha na qual o governo já estava então lançado para mudar os termos da discussão sobre a dívida externa nas nações em desenvolvimento.

Desde então, o fracasso do Plano Cruzado e a derrota da moratória produziram uma mudança nas posições e no estilo. De contestador das regras, o Brasil passou a seguir ritual de negociação desenhado pelos países credores.

Ontem, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, presidiu a reunião do Grupo dos 24. O comunicado divulgado, ao final da reunião não contém, como era de esperar, nenhuma mudança — a não ser pelo acréscimo de mais alguns tópicos, o que parece ser uma fatalidade nos comunicados do G-24. Nos últimos três anos, o documento dobrou de tamanho, engordando de pouco mais de quarenta tópicos para oitenta.

Na entrevista que concedeu ontem a cerca de uma

centena de jornalistas, na condição de presidente do G-24, Mailson repassou as principais reivindicações dos pobres — aumento dos recursos do FMI, a criação, pelos países desenvolvidos, de um clima propício, na economia internacional, à retomada do crescimento na década de 90.

“A responsabilidade pela resolução da crise da dívida não poder serposta apenas sobre os ombros dos países em desenvolvimento”, afirmou o ministro brasileiro. Ele disse que o G-24 reconhece que as taxas de risco e as comissões que os bancos vêm cobrando nas renegociações mais recentes são inferiores à que já cobraram no passado. “Mas elas precisam cair ainda mais.”

Refletindo a dramática mudança de posição que o País experimentou desde que pleiteou a presidência do G-24, Mailson também afirmou que “nós, nos países em desenvolvimento, devemos entender que a experiência dos anos 70, quando havia disponibilidade de capitais, não vai se repetir. Teremos que nos fiar mais na poupança interna e precisamos ajustar nossas próprias economias, numa forma que não cause sacrifícios insuportáveis”.

O ministro da Fazenda brasileiro introduziu uma significativa mudança para melhor: pela primeira vez em anos, a geralmente interminável reunião do G-24 ficou limitada a uma manhã. Terminou antes do meio-dia.